

O basofórmio e o bombardeio: um estudo de *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo

Chloroform and Cannonade: a Study of Consider the Lilies of the Field, by Erico Verissimo

Marcos Vinícius Teixeira

Universidade Estadual de Mato Grosso do

Sul (UEMS) | Campo Grande | MS | BR

marcosteixeira@uems.br

<http://orcid.org/0000-0001-7195-9655>

Resumo: Antonio Candido (2001, p. 17), numa conhecida entrevista sobre a obra de Erico Verissimo, afirmou que o escritor possuía “um profundo senso da história”. Os estudos críticos existentes comprovaram essa característica, demonstrando que a história participa da economia de boa parte de suas narrativas. Com relação ao romance *Olhai os lírios do campo*, a dimensão social tem sido ponto de análise, mas a ligação com a história ainda não foi suficientemente explorada. Nesse romance, encontramos a trajetória de Eugênio, personagem de origem pobre que se forma em medicina durante a Primeira República. Como médico, realiza uma operação difícil em plena Revolução de 1930 e posteriormente participa da vida burguesa de Porto Alegre. O propósito deste trabalho é estudar a representação da Revolução de 1930 e a dimensão histórica como elementos constitutivos da trama ficcional. Para este estudo, recorreremos aos trabalhos de Bueno (2006), Fausto (2004), Camargo (1983), Carvalho (1997), Candido (2000), dentre outros.

Palavras-chave: Primeira República; Revolução de 1930; romance.

Abstract: In a known interview about Erico Verissimo's work, Antonio Candido (2001, p. 17, our translation) said that the writer had “a deep sense of history”. Existing critical studies prove this trait, showing that history is part of the economics of most of Verissimo's narratives. Regarding the novel *Consider the Lilies of the field*, the social dimension has been analyzed, but the connection with history has still not been sufficiently explored. This novel tells the story of Eugênio, character of poor origins, who is a medicine graduate during the First Republic. As a physician, he conducts a difficult operation in the middle of the Revolution of 1930 and later takes part in the bourgeois life of Porto Alegre. This paper aims to study the representation of the 1930's Revolution and the historic dimension as constitutive elements of the fictional narrative. In this paper, the works of Bueno (2006), Fausto (2004), Camargo (1983), Carvalho (1997), Candido (2000), among others, were used.

Keywords: First Republic; Revolution of 1930; novel.



1 Introdução

Em *Olhai os lírios no campo*, de Erico Verissimo, temos a história de Eugênio, um personagem pobre e movido pelo desejo de enriquecer que se formou em medicina ao final da Primeira República e depois contraiu matrimônio com a rica Eunice, passando a pertencer à elite de Porto Alegre. No entanto, a convivência que teve com Olívia ao longo de sua vida e a descoberta de que possui uma filha fazem o personagem desistir do conforto e da riqueza que o casamento garantia para buscar pelo sentido de sua vida e, como médico, voltar-se aos mais pobres e necessitados. Há, nesse romance, uma atenção ao tema da felicidade que nos faz lembrar de *O país do carnaval*, de Jorge de Amado, publicado anos antes e no qual os personagens conversam longamente sobre suas inquietações existenciais. De modo semelhante, acompanhamos em *Olhai os lírios do campo* um perene diálogo entre Eugênio e Olívia acerca da vida e de uma busca de sentido que é perseguido pelo primeiro de forma individual, em boa parte da obra. Olívia, por outro lado, possui, desde sempre, uma dimensão humana e exerce uma função de humanização do protagonista. Esse processo se fortalece quando ela lhe revela que possuem uma filha, a Anamaria, e em seguida falece, deixando-lhe cartas nunca remetidas.

A construção do romance apresenta uma característica peculiar. Dividido em duas partes, observa-se na primeira uma justaposição de textos que seguem tempos diferentes. Com o predomínio da narração heterodiegética centrada no ator,¹ relatos do passado se intercalam à narrativa do tempo presente, quando Eugênio viaja de carro até Porto Alegre após receber notícias sobre o estado de saúde de Olívia, formando uma narrativa mista que se mantém até o fim da viagem, quando se revela a morte desta. Já na segunda parte, há o predomínio do tempo presente e em alguns momentos textos de cartas de Olívia aparecem na narrativa manifestando um tempo passado. O crítico Luís Bueno, estudioso do romance de 1930, observa uma quebra na passagem da primeira para a segunda parte da obra:

Eugênio, o personagem que faz a viagem, não lembra o passado: viagem e passado se constroem juntos. Quando os dois planos se encontram, ao final da primeira parte, através da memória que o Eugênio que viaja tem do Eugênio que viveu toda aquela história, o projeto inicial do romance tem uma quebra e o duplo andamento da primeira parte se desfaz, diluindo-se numa continuidade apenas do plano de longa duração que, ao final da leitura, é o que dá o contorno geral do romance, colocando a simultaneidade num plano muito secundário, quase de efeito epidérmico, em que o instante é apenas uma espécie de marco para a parte em que a história de Eugênio dá uma virada (Bueno, 2006, p. 395-396).

A organização da obra se revela de fato atípica, apresentando partes desiguais. Nesse ponto, a escolha pela narração heterodiegética centrada no ator ao invés da narração homodiegética parece explicar o desnível que a obra apresenta. Os capítulos da primeira parte apresentam um andamento temporal diferente, pois cada capítulo narra um momento distinto da vida do protagonista, embora haja linearidade. Assim, por exemplo, temos a seguinte sequência: um episódio ocorrido na infância do personagem num dia de escola; o relato de uma época da escola quando permanece em regime de internato no Columbia College; o

¹ Para a abordagem da instância narrativa, recorro neste estudo às considerações de Yves Reuter (2004).

segundo ano do curso de medicina; o dia da formatura etc. Momentos do passado são selecionados e narrados em sequência, mas não possuem a memória do personagem-narrador para alinhavá-los. Já na segunda parte, há maior coesão entre os capítulos e mesmo a recuperação de cartas antigas ocorre no tempo presente. A justaposição de textos de tempos diferentes deixa de existir. As duas partes compõem um todo que lembra a assimetria aparentemente simétrica das igrejas barrocas que apresentavam trabalhos artísticos diferentes nos altares laterais. Vistas de perto, as partes são desiguais.

Visto de outro ângulo, a notícia da morte de Olívia ao final da primeira parte funciona como um primeiro encerramento do livro e a sequência ocorre como um prolongamento inesperado. Evidentemente, temos também duas fases do protagonista que na primeira parte é movido pela possibilidade de enriquecer e, na segunda, se redime e se transforma ganhando uma dimensão humana que não possuía. Essa nova face do personagem, no entanto, é apresentada em muitos capítulos e em ritmo mais lento. O excesso de reflexão que permeia todo o livro prejudica a fluidez da narrativa. É possível aproximar a crítica que Sérgio Milliet fez à primeira versão do conto “Um acontecimento em Vila Feliz”, de Aníbal Machado, à segunda parte de *Olhai os lírios do campo*. Texto hoje desconhecido, a primeira versão do conto de Aníbal trazia uma parte longa que fazia o conto parecer a soma de duas histórias. Sérgio Milliet, ao criticar o conto, justificou afirmando que o texto “se espicha inutilmente após um primeiro fim natural [...]” (Milliet, 1981, p. 319-320). Tanto no conto de Aníbal Machado quanto no romance de Erico Verissimo temos também uma mudança no caráter dos protagonistas Helena e Eugênio realizada na parte em que há o prolongamento.

Ainda observando a concepção da obra em duas partes, há também uma clara mudança em termos de representação histórica. Enquanto na primeira parte é possível perceber uma maior preocupação com o tempo histórico, quando se observa o tempo da Primeira República e a Revolução de 1930, na segunda parte, ainda que tenhamos uma incursão acerca de ideologias predominantes no período, a narrativa se altera consideravelmente e vemos, por exemplo, a construção de um prédio muito alto que Porto Alegre demoraria muito a ver. Assim, a dimensão referencial relacionada ao tempo que participava da verossimilhança se atenua na segunda parte, quando a construção literária ganha maior autonomia. Em uma entrevista conhecida sobre a obra de Erico Verissimo realizada no ano 2000, Antonio Candido, embora enumere diversos problemas do romance, ressalta a qualidade e a importância de Erico Verissimo como escritor. Candido afirma que ele possuía grande capacidade de “inserir bem o tempo na estrutura literária, seja injetando-o no tecido da narrativa, seja quebrando-o por meio do relato descontínuo” (Candido, 2001, p. 14), ressaltando que ele detinha “um profundo senso da história, do tempo que passa e da diferença entre as épocas” (Candido, 2001, p. 17). Para ele, nacionalmente, Erico Verissimo ainda estava por merecer uma avaliação crítica adequada.

O propósito deste estudo é investigar a representação da Revolução de 1930 e do tempo histórico no romance *Olhai os lírios no campo*, de Erico Verissimo. A presença da revolução pode ser entendida como um divisor de águas que permite compreender dois momentos na trama ficcional. Essa divisão, pelo viés da história, separa o que conhecemos por Primeira República e o período de Getúlio Vargas anterior ao Estado Novo. No plano da construção literária, o acontecimento histórico coincide com uma espécie de rito de passagem relacionado ao protagonista e sua área profissional, pois é quando Eugênio realiza uma cirurgia difícil e não consegue salvar a vida de um paciente e também é o momento em que ele começa a se relacionar

com a personagem Olívia. O escritor reúne assim três momentos importantes num mesmo capítulo: a revolução, uma operação médica e a efetivação de um relacionamento amoroso.

2 Tempo de revolução

Os capítulos dois a cinco situam a vida do protagonista durante a Primeira República. Marcado pela origem pobre, pelas dificuldades financeiras e pela vontade de ascender socialmente, acompanhamos Eugênio em sua trajetória desde os tempos de escola até a sua formatura em medicina. Há, na construção literária dessa parte, a estratégia de narrar por meio de cenas específicas de seu passado. A primeira cena nos apresenta o menino Eugênio na escola, em situação aflitiva com a calça que se rasgou e tomando conhecimento das dificuldades que o pai tem em pagar pelo seu ensino. A calça que se rasgou simboliza a sua pobreza e estabelece diálogo com a profissão do pai, que é alfaiate. Após vê-lo ser cobrado por uma dívida que não conseguiu pagar, Eugênio decide, ainda menino, estudar para se tornar um doutor: “Pela primeira vez Eugênio pensou em se fazer homem, estudar, ficar doutor e ganhar dinheiro, para livrar a família daquela vergonha, daquela miséria” (Verissimo, 2005a, p. 30). Tem-se um desenho claro de um projeto na primeira parte de *Olhai os lírios do campo*: o protagonista é movido pelo desejo de enriquecer e, durante a sua vivência, ao mesmo tempo em que persegue seu objetivo, acaba renegando tudo que se refere à sua origem, incluindo seus pais e seu irmão Ernesto.

Aos quinze anos encontra-se estudando em regime de internato numa boa instituição, graças ao esforço de seus pais: “[...] a mãe pagava a pensão e o ensino lavando toda a roupa branca do Columbia College” (Verissimo, 2005a, p. 42). No capítulo quatro, quando Eugênio já cursa o segundo ano da faculdade de medicina, temos uma cena significativa no romance. Certo dia, caminhando com seu colega Alcibíades, que tinha automóvel e era filho do secretário do Interior, e com Acélio Castanho, que descendia de uma família de renome na cidade, Eugênio se depara com o pai e o ignora.

Um homem magro e encurvado, mal vestido, com um pacote no braço. O pai, o pobre Ângelo. Lá vinha ele subindo a rua. Eugênio sentiu no corpo um formigamento quente de mal-estar. Desejou – com que ardor, com que desespero! – que o velho atravessasse a rua, mudasse de rumo. Seria embaraçoso, constrangedor, se Ângelo o visse, parasse e lhe dirigisse a palavra. Alcibíades e Castanho ficariam sabendo que ele era filho de um pobre alfaiate que saía pela rua a entregar pessoalmente as roupas dos fregueses... Haviam de desprezá-lo mais por isso (Verissimo, 2005a, p. 58).

O pai o cumprimenta de modo afetuoso, chamando-lhe pelo apelido familiar, Genoca. O protagonista, por sua vez, não mudou a direção do olhar e o ignorou. A narração enumera uma sequência de perguntas em discurso indireto livre apontando o conflito pelo qual o personagem passou. Em casa, ao olhar nos olhos do pai, ao contrário de qualquer mágoa, encontra ternura e humanismo. A cena é importante pois abrange, além da relação entre filho e pai, a dimensão política presente nas relações sociais no período da Primeira República. Essa questão fica mais clara quando observamos a fala da mãe no mesmo capítulo, sugerindo que a amizade com Alcibíades poderia ser útil a Eugênio: “Este teu amigo Alcibíades bem podia te arrumar um emprego. O pai dele não é um manda-chuva?” (Verissimo, 2005a, p. 53). O epi-

sódio com o pai, se lido por essa perspectiva, ganha também outra significação. Aparecer em público com amigos ricos não é só uma vaidade, mas também uma possibilidade de ascensão social, pois pode ser entendido como uma ponte que leva ao jogo de poder na sociedade. A aparição do pai pobre coloca o protagonista em uma encruzilhada, pois se a companhia de pessoas ricas ou importantes pode lhe beneficiar, a lembrança de sua origem pobre também pode, ao contrário, fechar o acesso ao jogo do poder.

Segundo Boris Fausto, durante a Primeira República prevaleceu o sistema oligárquico no qual o poder era “controlado por um reduzido grupo de políticos em cada Estado” (Fausto, 2004, p. 261). Os partidos políticos eram restritos a cada estado e eram controlados por uma “elite reduzida”. Como o voto não era obrigatório e as eleições eram marcadas por fraudes, a escolha de representantes obedecia ao interesse de famílias poderosas que, por meio de acordos, segundo o historiador, indicavam nomes para “concorrer” aos cargos políticos. Assim, o poder se concentrava nas mãos de poucas pessoas e, no sistema oligárquico, os chamados “coronéis” controlavam os votos e exerciam influência em suas respectivas regiões, mas dependiam dos chefes políticos para a promoção de benefícios diversos como “consertar estradas ou instalar escolas” (Fausto, 2004, p. 264). Ainda segundo Boris Fausto (2004, p. 263), “o coronelismo representou uma variante de uma relação sociopolítica mais geral – o clientelismo –, existente tanto no campo como nas cidades”.

José Murilo de Carvalho também compreende o clientelismo como fenômeno de maior amplitude. O historiador afirma que

[...] qualquer noção de clientelismo implica troca entre atores de poder desigual. No caso do clientelismo político, tanto no de representação como no de controle, ou burocrático, para usar distinção feita por Clapham (1982), o Estado é a parte mais poderosa. É ele quem distribui benefícios públicos em troca de votos ou de qualquer outro tipo de apoio de que necessite (Carvalho, 1997).

Embora vivendo em outro estado, Pedro Nava nos relata em *Beira-mar* uma história que se assemelha à ficcional de Erico Verissimo, quando, em 1921, conseguiu um emprego numa das secretarias do estado de Minas Gerais. O memorialista compareceu à secretaria com um bilhete do secretário do Interior com ordem de entregá-lo pessoalmente ao diretor da instituição, que, após ler, mandou que o avisassem de que estava empregado e deveria começar no outro dia. Observe-se que o pedido de emprego é realizado pelo secretário do Interior, justamente o cargo ocupado, em *Olhai os lírios do campo*, pelo pai do personagem Alcibíades. Este, por sua vez, no momento da formatura em medicina, parece ter garantida a carreira política, como lemos no capítulo seis, quando o filho do secretário do Interior demonstra proximidade com o governador do estado.

Uma compreensão de determinados acontecimentos na vida de Eugênio nos possibilita identificar a aparição de Getúlio Vargas como governador do estado do Rio Grande do Sul no romance. Esses acontecimentos estão relacionados à formação e atuação do protagonista como médico no período anterior ao seu casamento com Eunice. Na ocasião da sua formatura, temos a presença do governador. Na época utilizava-se o termo presidente para o representante do poder estadual:

Estrugiram palmas. Abriam-se alas. Era o presidente do estado que descia cercado de amigos. Eugênio viu-o apertar a mão de Alcibíades, que se inclinou em desme-

dida curvatura, a boca aberta num sorriso de felicidade imbecil. Eugênio sentiu uma pontinha de inveja e de despeito. Nos dois últimos anos Alcibíades se afastara dele; procurava outras rodas. Já se falava que seu nome seria indicado para uma cadeira de deputado na Assembléia do Estado. Estava claro que a amizade dos colegas obscuros não lhe seria do menor interesse...

Eugênio bebeu o refresco dum gole só. Viu o presidente sair, com a cartola na mão, sorrindo e sacudindo a cabeça para a direita e para a esquerda. Alcibíades o seguia (Verissimo, 2005a, p. 64-65).

A cena se situa no período da Primeira República. As relações pessoais dominam o poder e o fato de Eugênio estar afastado de Alcibíades, que é rico e possui família influente, é bastante considerável. Getúlio Vargas governou o estado do Rio Grande do Sul nos anos de 1928 e 1929, recuperando, segundo Gunter Axt (2002), a economia do estado, após realizar um empréstimo, criar um banco estatal, ampliar o crédito e fazer reformas tributárias. Segundo o historiador, Getúlio representou o início de uma transformação do poder no estado. No sistema político vigente, no entanto, o personagem Alcibíades enxerga as portas se abrindo num futuro próximo, enquanto Eugênio, de origem pobre, assiste à carreira do colega como plateia.

Para identificarmos a presença do governador Getúlio Vargas na colação de grau do protagonista, é necessário situar a cena temporalmente. Adiante, na obra, no capítulo 21, quando, por meio da narração heterodiegética, acompanhamos uma reflexão de Eugênio acerca de sua atividade como médico, há a compreensão de que durante muito tempo fora um médico sem humanismo e somente após a sua ruptura com Eunice passou a ser diferente. Nessa parte, a narrativa relembra o tempo em que ele atuou na Assistência Pública e foi auxiliar de Teixeira Torres em um hospital: “Durante quase dois anos exercera a medicina sem nenhum interesse humano [...]” (Verissimo, 2005a, p. 234). A informação é importante, pois no capítulo seis temos uma complicada operação realizada pelo médico Eugênio numa noite em que ocorre a Revolução de 1930. A referência ao mês de outubro corrobora o momento histórico: “Aquela noite de outubro lhe dava arrepios na epiderme” (Verissimo, 2005a, p. 82). Trata-se do primeiro procedimento cirúrgico em que a responsabilidade é confiada pelo médico Teixeira Torres ao protagonista. Nesse período, embora já formado, trabalhava como seu auxiliar. O cargo na Assistência Pública será anunciado posteriormente, no capítulo oito. O período que abrange as duas atividades como médico, como apontamos, está contemplado nos dois anos de atuação lembrados posteriormente na narrativa. Retornando ao capítulo cinco, quando ocorre a formatura, o narrador nos informa que “havia um ano que [Eugênio] trabalhava com o dr. Teixeira Torres” (Verissimo, 2005a, p. 65). Assim, é possível presumir que a formatura se situa temporalmente próxima à Revolução de 1930, não podendo preceder dois anos completos à data da cirurgia. A aparição do governador na noite de colação de grau só pode ter ocorrido, portanto, em 1929 ou em 1928, quando o Rio Grande do Sul vivia o período de Getúlio Vargas.

A representação da Primeira República em *Olhai os lírios do campo* ganha corpo na cena em que Eugênio e Olívia, após a formatura, conversam na praça junto ao monumento ao Patriarca. Os elementos são fornecidos na narrativa. A formatura se deu no velho teatro, que, posteriormente, mais ao final do livro, aparece nomeado como Theatro São Pedro. Assim, as referências são facilmente identificadas. A praça é a Marechal Deodoro, onde se pode ver o monumento dedicado a Júlio de Castilhos. O espaço aparece integrado à organização ficcional:

— Vamos prestar uma homenagem ao Patriarca?

— Vamos.

Subiram as escadas. A praça estava deserta.

Detiveram-se de novo ao pé da estátua. Sentado na sua cadeira, que era feita da mesma substância de seu corpo, o Patriarca meditava. Tinha um ar grave. A seus pés o dragão da inveja tentava uma investida. Os olhos da estátua, porém, pareciam fitos no futuro. Olívia deitou a braçada de rosas ao pé do monumento.

— E o dragão? – perguntou Eugênio.

— Ah! É verdade.

Olívia apanhou um botão vermelho e enfiou-o na boca do dragão de bronze (Verissimo, 2005a, p. 68).

Após a Proclamação da República, Júlio de Castilhos foi eleito duas vezes governador do Rio Grande do Sul, mas sua atuação em luta pela república data do período em que dirigiu o jornal *A Federação*, entre 1884 e 1889. Quase dez anos após a sua morte, inauguraram o monumento ao Patriarca, feito pelo escultor Décio Villares, na praça localizada em frente ao Theatro São Pedro. No dia 12 de junho de 1913, o jornal *A Federação* republicou a matéria que veiculara um dia antes da inauguração do monumento, em janeiro daquele ano, fornecendo uma rica descrição da estátua. Chamado pelo jornal de “estátua da República”, o monumento é uma homenagem ao início do período republicano do país. Conforme a matéria, tem-se representações trabalhadas na escultura que simbolizam as fases da vida do governador. Vejamos um pequeno fragmento do jornal.

Júlio de Castilhos, sentado, a frente contraída, o olhar de quem medita ainda na leitura do livro que segura à mão esquerda, a destra apoiada no braço da cadeira, o pé firmando o solo, tem a atitude resoluta de quem está prestes a erguer-se para agir com a energia que a situação requer (A glorificação, 1913, p. 3).

Aparecem registradas na escultura vários símbolos e/ou registros que se associam de alguma forma à nova época política como a data da Proclamação da República e a da Revolução Francesa. No alto, acima da frase positivista “ordem e progresso” há no monumento uma alegoria da república. Abaixo e defronte à imagem de Júlio de Castilhos, temos uma estátua de um dragão que, subindo os degraus, representa o perigo. Segundo o jornal, o perigo que é simbolizado pelo dragão que rasteja foi concebido pelo artista como os “escolhos de toda a sorte que os estadistas têm a vencer para realizarem a sua missão” (A glorificação, 1913, p. 3).

Em *Olhai os lírios do campo*, o monumento a Júlio de Castilhos aparece como espaço para a aproximação entre Eugênio e Olívia, que já se conheciam desde o terceiro ano do curso de medicina. Ao leitor, no entanto, a personagem feminina só aparece no capítulo da formatura e o primeiro diálogo se dá em companhia da estátua, na praça. A imponência do monumento contrasta com os personagens pobres, embora formados em medicina. É a imagem do casal pobre numa praça da cidade que se busca construir na narrativa, após o glamour da formatura em que ela portava um vestido emprestado e ele uma roupa alugada. Não há ninguém para abraçá-los. Nada sabemos sobre a família de Olívia. Com relação a Eugênio, seu pai já falecera, seu irmão está desaparecido e o não comparecimento de sua mãe não é explicado. Na praça já deserta, ao pé da estátua, Olívia coloca uma rosa na boca do dragão, que parece ganhar significação para os próprios personagens.

O trabalho como médico, que ganhará espaço na segunda parte do romance, é apresentado ao leitor por meio de uma operação difícil realizada por Eugênio numa noite em que ocorre a Revolução de 1930. Embora irregular, parte do capítulo seis é um dos pontos altos do romance, pelo que apresenta de criação literária integrando três situações importantes para a trama: o tempo histórico, a vida como médico e o relacionamento com Olívia. Nas três situações temos uma ideia de ritual de passagem: uma mudança política no país, que em Porto Alegre é marcada por combates, uma cirurgia que Eugênio realiza sem dividir responsabilidades, quando perde também o primeiro paciente, e, ao final do capítulo, a primeira noite de amor com Olívia. Além dos três pontos importantes que se entrelaçam na narrativa, determinadas lembranças do personagem aparecem de maneira bastante convincente. Com a revolução, o médico Teixeira Torres, a quem o protagonista auxiliava, precisa ir operar um oficial do exército que ficara gravemente ferido, deixando-o responsável pelo paciente. Assim, é o evento histórico que coloca Eugênio diante de sua primeira cirurgia de grande relevância. Na cena a seguir temos a preparação para a operação:

Meteu as mãos na bacia do álcool iodado. O bafio do álcool entrou-lhe pelas narinas e chegou-lhe ao cérebro, onde se transformou na imagem de Ernesto. Eugênio dobrou os braços, mergulhou-os até ao cotovelo no líquido frio. Entrou na sala um enfermeiro e disse a Olívia em voz baixa: — Parece que o quartel vai entregar a rapadura. Sorriu e apareceram-lhe três dentes de ouro. Eugênio afastou-se da bacia, premiu o pedal do tambor e tirou dele um avental. Roupas brancas. Lavadeira. A mãe lavando a roupa do internato, as mãos murchas de tanto ficarem na água, o pai conferindo o rol. Por que lhe vinham com tanta frequência aquelas recordações da infância? Enfiou os braços nas mangas do avental, enquanto uma enfermeira o abotoava às costas (Verissimo, 2005a, p. 76).

Por meio da narração heterodiegética, acompanhamos as preocupações de Eugênio. No fragmento acima, tudo é construído com grande naturalidade. Ele escuta um enfermeiro falar sobre a revolução. Olívia está presente e é responsável pela anestesia de seu paciente. A companhia dela lhe traz alguma amenidade, embora a presença de um estudante de medicina não lhe agrade. O cheiro do álcool o faz evocar a imagem do irmão que bebia “como um desesperado” (Verissimo, 2005a, p. 65) e apresentava um comportamento que condenava. Em seguida, vendo o avental branco, se lembra do trabalho da mãe, que lavava as roupas dos estudantes do colégio que frequentou, e do pai, que conferia a lista com o registro das roupas. As lembranças lhe vêm com amargura, pois, dentre diversas questões, tornou-se médico sabendo que, embora de família pobre, foi privilegiado, pois os pais não podiam educar os dois filhos.

Enquanto realiza a cirurgia vão chegando notícias da revolução que começou simultaneamente em Porto Alegre e em Belo Horizonte e depois ganhou boa parte do país. Como é sabido, durante a Primeira República prevaleceu a política chamada café com leite que permitia o revezamento, no poder, dos estados de Minas Gerais e São Paulo. O presidente Washington Luís insistiu, segundo Boris Fausto (1997, p. 128), na candidatura do paulista Júlio Prestes, que, contando com o tipo de eleições que havia na época, marcadas pelo voto de cabresto e fraudes, venceu a disputa em março de 1930, derrotando o candidato Getúlio Vargas da Aliança Liberal. Segundo o historiador, o Rio Grande do Sul, por meio de Borges de Medeiros, reconheceu a vitória de Júlio Prestes, prometendo colaborar com o novo governo.

No entanto, o assassinato de João Pessoa forneceu condições para que houvesse uma agitação política no país. No dia 3 de outubro os estados de Rio Grande do Sul e de Minas Gerais se revoltaram, sendo seguidos por estados do nordeste. No dia 24 de outubro, segundo o historiador, um grupo de militares depôs Washington Luís no Rio de Janeiro e constituiu um governo provisório que foi derrubado em seguida com a chegada de Getúlio Vargas à capital do país, sendo precedido por três mil soldados gaúchos.

Segundo Boris Fausto, “no arranque inicial de 3 de outubro, no Rio Grande do Sul, a brigada militar e os chamados ‘provisórios’ formaram um núcleo mais importante do que os próprios quadros do Exército” (Fausto, 1997, p. 135). O próprio Getúlio Vargas, ainda como governador do estado, anotou em seu diário os eventos relacionados ao início da revolução, registrando os acontecimentos na cidade de Porto Alegre. Os combates tiveram início no final da tarde e se prolongaram até o início da madrugada.

Começou o movimento. Um fogo vivo de fuzilaria e metralhadoras, uns vinte minutos de luta, e foi tomado o quartel-general, presos o comandante da Região e seu estado-maior. [...] Seguiu-se depois o cerco, pelas forças da Brigada Militar do estado, Guarda Civil e elementos populares, aos núcleos de resistência. No morro do Menino Deus estavam dois corpos, 8º e 9º. O primeiro, sob o comando do tenente-coronel Galdino Esteves, aderiu, e o segundo ofereceu fraca resistência, sendo presos o comandante e alguns oficiais. Rendeu-se também a companhia de Estabelecimentos e a Carta Geral.

Resistiu, até a madrugada, o 7º Batalhão de Caçadores, comandado pelo coronel Acauã. Durante a tarde e parte da noite a cidade sofreu o alarme do fogo cruzado entre os sitiados e sitiadores, fuzilaria, metralhadoras e morteiros. Pouco depois da meia-noite, veio um oficial do 7º a palácio propor-me um parlamento. Entreguei ao coronel Góis Monteiro, que ficou dirigindo as operações como meu chefe de estado-maior. Este regulou as condições de entrega e o 7º se rendeu (Vargas, 1995, p. 5).

Em seu romance *Olhai os lírios do campo*, como dissemos, os acontecimentos da revolução ocorrem paralelamente à cirurgia realizada pelo protagonista. A narrativa integra o tempo histórico à situação da equipe médica, especialmente ao universo de Eugênio. Há nitidamente dois planos: homens armados lutam do lado de fora, pessoas são atingidas ou morrem enquanto do lado de dentro uma equipe de saúde luta sem sucesso para salvar a vida de um homem.

As informações sobre a revolução perpassam todo o procedimento médico e quase todo o capítulo seis: “Ouvia-se o tiroteio, longe”; “Eugênio ficou a escutar o tiroteio. Nunca acreditara na possibilidade daquela revolução”; “Recomeçara o tiroteio”; “Decerto agora estavam atirando com canhões”; “Dizem que o batalhão aderiu...”; “Aquela noite de outubro lhe dava arrepios na epiderme”; “os homens se matavam” (Verissimo, 2005a, p. 74; 75; 76; 77; 79; 82; 83, grifo do autor); dentre outros trechos. Eugênio e Olívia não demonstram interesse pelo movimento político que se instaura, o que coincide com a posição de Erico Verissimo, que, em *Solo de clarineta*, afirma que “olhava para tudo aquilo com um olho morno e céptico” (Verissimo, 2005b, p. 215), revelando que não havia tomado uma posição sobre o assunto.²

² Em *Solo de clarineta*, Erico Verissimo registra alguns eventos relacionados à Revolução de 1930. Por meio de um binóculo, ele e seu primo acompanharam a situação de um quartel de Cruz Alta e testemunharam quando um volume, supostamente o corpo de um tenente que conheciam, foi atirado dentro de um caminhão. Ao buscarem informações sobre o enterro do tenente, o escritor se desentende com um sargento. O episódio o motivou a andar armado durante alguns dias.

Embora não haja envolvimento político dos personagens com a revolução nesse momento do romance, o movimento histórico aparece integrado à narrativa. Em uma das cenas, a imagem que Eugênio cria em relação aos combates é assimilada ao sangue de seu paciente em suas mãos, possibilitando uma reflexão sobre a vida e sobre a morte.

Estrondos surdos ao longe. Decerto agora estavam atirando com canhões. Eugênio imaginou as casas ruindo, a cidade destruída, uma granada atingindo a sua casa. Viu a mãe estendida no chão, coberta de sangue. Olhou para as luvas sujas daquele líquido horrendo, teve vontade de gritar. Tudo aquilo era brutal. Os homens estavam podres.

O tiroteio continuava, cortado de quando em quando por um estrondo mais forte. Não só o operado ia morrer. Todos morreriam sob o bombardeio. O calor era insuportável. Ou estava frio? Devia ser o cheiro de basofórmio que o marcava.

Haviam-lhe dado um defunto para operar (Verissimo, 2005a, p. 77).

Por meio do discurso indireto livre, descobrimos o pensamento do protagonista: “Haviam-lhe dado um defunto para operar”. Vários elementos na narrativa corroboram a ideia de que muito dificilmente conseguiriam salvar o paciente, que falece no meio da operação. A imagem do paciente que morre se associa inevitavelmente à da Primeira República que é derrubada. Feita a sutura no corpo, Eugênio e Olívia saem e seguem juntos para a casa dela. A possibilidade de se ausentarem do hospital quando pessoas são feridas ou assassinadas surpreende e pode ser tomada como um ponto de incoerência em relação ao tempo histórico. Quando estão na rua, a narrativa recupera a fala de um enfermeiro pela qual somos informados de que apenas o “quartel do 7º BC” (Verissimo, 2005a, p. 81) ainda resistia e que os demais já haviam aderido ou sido vencidos pelas tropas revolucionárias. Constata-se nesse ponto a referência ao 7º Batalhão de Caçadores que aparece registrado no diário de Getúlio Vargas.

A cirurgia funciona, no livro, como um divisor de águas na carreira de Eugênio. Pouco depois, passará a trabalhar na Assistência Pública, fornecendo o primeiro atendimento médico a casos de urgência. O procedimento também o faz defrontar suas inseguranças e medos em relação à profissão, sem propriamente superá-los. Na mesma noite, visita a casa onde Olívia vive e iniciam uma relação amorosa. Na sequência, a narrativa sugere uma nova fase para o protagonista: “Sentia-se como um homem novo entrando num mundo que amanhecia” (Verissimo, 2005a, p. 83). É possível compreender, assim, o capítulo seis como um momento de passagem entre dois planos na vida dos personagens e do país. Nesse sentido, é possível associar o paciente que morre à Velha República que é superada. Instaura-se uma nova ordem política no país, embora se inicie um período de intervenções. De modo metafórico, o paciente que morre se associa à derrubada do sistema político que existia no país.

Se comparado a outras obras do século XX que trabalharam com o tema da Revolução de 1930, *Olhai os lírios do campo* se destaca pela forma como integra evento histórico e um episódio da trama ficcional, embora a segunda parte do capítulo, marcada pelo diálogo entre os personagens, não apresente o mesmo nível de construção literária que há na parte da cirurgia. Também é importante ressaltar a presença dos combates da revolução, ainda que não sejam diretamente representados. Em *João Ternura*, de Aníbal Machado, o protagonista participa diretamente de um combate na cidade do Rio de Janeiro. Mas a dimensão de alheamento ao sistema capitalista existente no personagem, embora seja uma característica importante, distancia a obra do romance de Erico Verissimo, ainda que a aproximação tam-

bém possa ser feita. Distancia porque, diferentemente de Eugênio, João Ternura nunca quis enriquecer ou participar do sistema vigente. Aproxima-se, por outro lado, pois Eugênio, como afirmamos, não se interessa pelas mudanças políticas, embora deseje a ascensão financeira. Em *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, e em *O país do carnaval*, de Jorge Amado, a Revolução de 1930 aparece de forma distanciada. No primeiro, como o espaço ficcional é uma fazenda, as notícias da revolução chegam até Paulo Honório, que se situa no mesmo lado dos coronéis. Já no romance de Jorge Amado, o protagonista chega a viajar para o Rio de Janeiro para entrevistar os próceres da revolução e, assim como Paulo Honório, se situa no universo da burguesia rural, embora viva na cidade. Apesar da evidente superioridade da obra de Graciliano Ramos, em relação ao conjunto aqui apresentado, cada obra possui a sua singularidade e importância. *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, apresenta, na cena da operação médica, uma integração com a Revolução de 1930 que é um dos pontos altos do livro.

Como temos mencionado a irregularidade do romance, vale a pena pontuar, embora rapidamente e como exemplo, um fragmento em que comparado à cena da cirurgia há visível queda de qualidade no trabalho literário. Há, em todo o livro *Olhai os lírios do campo*, um excesso de revelação dos sentimentos dos personagens ou de reflexão associada a eles. Isso provoca uma repetição no enredo e como a narração é heterodiegética muitas vezes o protagonista revela seus sentimentos pelo diálogo, o que gera confissões pouco comuns em muitos casos. No exemplo a seguir temos um desnudamento da psicologia de Eugênio realizada, curiosamente, por outra personagem.

— Acho que posso dizer com maior ou menor exatidão o que sentiste hoje. Quando o doutor Teixeira Torres te entregou o caso, sentiste medo de mistura com uma pontinha de orgulho. Medo porque ficavas com a enorme responsabilidade de um caso perdido. Orgulho porque o doutor Teixeira Torres te *confiava* um doente. Mas o orgulho desapareceu para dar lugar a uma sensação quase de pavor. Está certo? Eugênio olhou para a companheira, hesitou um instante.
— Es... está. (Verissimo, 2005a, p. 80, grifo do autor).

Ainda que Olívia conheça muito Eugênio, embora o contrário não ocorra no romance, o conhecimento dela acerca do colega aparece muitas vezes de maneira pouco verossímil. A escolha de narração heterodiegética ao invés de homodiegética parece responsável pelo excesso de revelação da mente do protagonista, tanto por meio do narrador quanto pelo diálogo, proporcionando uma incursão psicológica em excesso. No primeiro caso, participa e leva possivelmente ao que Antonio Candido (2001, p. 14) classificou como “tendência ‘sentimentaleira’”. No segundo, revela uma estratégia pouco funcional em construção narrativa, posto que o personagem precisa verbalizar seus pensamentos. O fato de a narração se manter centrada no ator implica ainda em um esvaziamento do universo de Olívia que existe praticamente em função do protagonista. A carta dirigida a Eugênio, deixada por ela pouco antes de morrer, é um bom exemplo disso, pois boa parte da missiva abarca o universo do protagonista.

Na entrevista sobre a obra de Erico Verissimo, realizada no ano 2000, Antonio Candido (2001, p. 13) se refere ao personagem Eugênio como um “médico apostolar” e aponta o teor sentimental como um defeito do romance *Olhai os lírios do campo*. O crítico ressalta que “os melhores livros de Erico são aqueles [...] nos quais a tendência ‘sentimentaleira’ está sob controle” (Candido, 2001, p. 14). O próprio autor, no prefácio escrito para o romance em 1966, reconheceu esse ponto e afirmou: “Acho-o hoje um tanto falso e exageradamente sentimental” (Verissimo, 2005a, p.

17). De fato, no romance de Erico Verissimo encontramos um excesso de passagens acerca de questões sentimentais ou existenciais, que, embora sejam comuns no âmbito do pensamento, aparecem como falas dos personagens. Nessas passagens, o uso da narração heterodiegética centrada no ator parece prejudicar, o que em primeira pessoa soaria como natural e poderia se aproximar do fluxo de consciência. Nesse ponto, é preciso destacar ainda uma certa repetição de temas e ideias, em relação ao protagonista, que percorre todo o livro. O crítico afirma ainda que a obra de Erico Verissimo é marcada por uma irregularidade que a faz “se escalonar do mau ao excelente” e que sua carreira foi “marcada por altos e baixos” (Candido, 2001, p. 15).

Como dissemos, há ainda um prolongamento da narrativa ficcional. Estruturalmente, na primeira parte do livro, duas narrações se intercalam. Ora temos a narração de Eugênio num automóvel indo até o hospital, onde Olívia se encontra. Ora temos o relato de momentos específicos da vida do protagonista. Elas se encontram ao final da primeira parte. Na segunda parte, a narração segue os dias de Eugênio num andamento mais lento e, com a ausência de Olívia, uma transformação humana do personagem passa a ser o centro da narrativa. É interessante observar que, na primeira parte, a relação com o tempo histórico é forte e visivelmente trabalhada na obra. A partir da segunda parte, quando o tempo se aproxima da época da escrita do livro, o tempo histórico perde importância.

Ainda na primeira parte, a imagem da vida burguesa de Eugênio começa a ser edificada ao se explorar o seu universo como marido da rica Eunice Cintra. O protagonista passa, então, a atender numa clínica particular e conviver com pessoas ricas ou pertencentes ao círculo social da família Cintra, dona de vários empreendimentos na cidade. É interessante observar que, após a Revolução de 1930, a obra nos apresenta a vida burguesa de Eugênio, alcançada por meio de um casamento. É preciso lembrar que a revolução não significou uma alteração da vida social brasileira no sentido de ascensão do proletariado. Embora o poder tenha se alterado, quando pensamos nas oligarquias, a própria burguesia se renovou e se manteve no poder. A participação popular, segundo Aspásia Camargo, foi difusa e secundária. A historiadora afirma que “não sendo uma revolução no sentido clássico, sobretudo porque não mobiliza de maneira autônoma classes subalternas, nem por isso deixam de ser relevantes e significativas as transformações que se desencadeiam no bojo desta *revolução das elites*” (Camargo, 1983, p. 16, grifo do autor). A pesquisadora afirma que houve um processo de continuidade que marcou as oligarquias, permitindo que houvesse uma renovação. Segundo ela, “velhas lideranças oligárquicas são substituídas por *novas oligarquias*” (Camargo, 1983, p. 12, grifo do autor). Camargo entende que a partir de 1932, com a revolta paulista, aos poucos, as novas oligarquias substituem as velhas no poder, proporcionando uma renovação geracional. Embora haja mudanças estruturais no país, a burguesia não deixa de participar do poder e não há ascensão de camadas sociais baixas.

Em *Olhai os lírios do campo*, a revolução não afeta diretamente a vida de Eugênio e de sua mãe. Pertencente a uma classe baixa que ascende pelo curso de medicina, a mudança política e econômica parece não impactar o universo do protagonista. Por outro lado, a família Cintra só aparece no romance após a revolução e não se relata nenhum impacto ocasionado em função do momento histórico. Ao contrário, os negócios da família parecem caminhar sempre bem e o velho Cintra revela um plano de garantir o monopólio do leite, baixando o preço, se preciso for, para quebrar aqueles que não aderirem ao seu projeto. O contrato de casamento que Eugênio assina quando contrai matrimônio com Eunice é um bom exemplo de uma família abastada que sabe manter a sua riqueza.

Renata Meirelles, em sua dissertação de mestrado, estudou os romances *Caminhos cruzados*, *Olhai os lírios do campo* e *O resto é silêncio*, de Erico Verissimo, investigando a representação das camadas médias urbanas brasileiras das décadas de 1930 e 1940. Ela afirma, acertadamente, que a carreira de medicina permite um trânsito entre as diferentes camadas sociais no romance, destacando o dilema do protagonista entre atender pessoas pobres ou os mais abastados. A Eugênio, como a pesquisadora aponta, se contrapõe Olívia, personagem, também médica, marcada pela “solidariedade, generosidade e altruísmo” (Meirelles, 2008, p. 64). Após o divórcio, o protagonista passa a se identificar com as classes menos favorecidas, seguindo o exemplo deixado por Olívia.

Enquanto esteve casado, Eugênio participa de uma classe com a qual não se identifica. É na casa dos Cintra que conhece o personagem Filipe Lobo, um engenheiro que constrói um edifício muito alto, o Megatério, que será a “casa mais alta da América Latina” (Verissimo, 2005a, p. 261), com seus trinta andares. O nome e as ideias desse personagem engenheiro remetem claramente ao futurista Filippo Tommaso Marinetti, que publicou o “Manifesto do Futurismo” no jornal *Le Figaro*, em 1909. Observe-se, por exemplo, a forma como Filipe Lobo se refere aos edifícios após dizer, numa conversa sobre arte, que não perde tempo com romances e que chega a odiar a poesia:

— Aí está... A verdadeira poesia é a poesia da máquina, da pedra, dos arranha-céus. Nova York é um poema de pedra e cimento armado. — Abriu os grandes braços. — Mas não se trata de poesia feita de palavrinhas açucaradas, e sim de expressões duras e fortes como o aço. E flexíveis também (Verissimo, 2005a, p. 159).

A comparação entre a literatura e o arranha-céu não produz mais, em 1938, o mesmo efeito que os textos futuristas ou, em especial, a comparação que Marinetti fez no manifesto entre a arte grega e o automóvel: “um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*” (Marinetti, 2012, p. 118). Marjorie Perloff (2018), que estudou o movimento futurista, utiliza a fórmula “violência e precisão”, expressão utilizada pelo próprio Marinetti, para investigar os textos do movimento, entendendo também a ideia de manifesto como um gênero dessa forma de arte ou de compreensão da vida. No entanto, se os futuristas confrontavam a ideia de moralidade e costumes burgueses, como afirma Perloff (2018), o personagem Filipe Lobo de Erico Verissimo é um conservador. As ideias do personagem se associam ao fascismo e ao nazismo, instaurando no romance uma reflexão acerca das ideologias de direita e de esquerda: “Comigo é no fascismo. Mussolini disciplinou a Itália. Hitler reergueu a Alemanha. Disciplina! Construir uma nação é quase o mesmo que construir um grande edifício” (Verissimo, 2005a, p. 162). Eunice também elogia o fascismo. Nesse mesmo diálogo, o pintor Túlio Altamira se posiciona contra o discurso de extrema direita, lembra da situação dos mais pobres e da injustiça contra os judeus, e se oferece, ironicamente, para pintar uma representação do “perigo vermelho” no edifício que Filipe Lobo constrói. Ao final da conversa, Eugênio, impelido a se posicionar, afirma que as estrelas existiam antes de Mussolini e de Stálin e continuarão a existir posteriormente. A fala, que é uma lembrança de Olívia, não deixa de revelar um não posicionamento ideológico, embora o personagem se volte posteriormente para a causa dos mais pobres.

A construção do edifício Megatério simboliza o poder do capitalismo na sociedade porto-alegrense construída ficcionalmente. Trata-se, evidentemente, de uma criação literária

que se desvinculou do tempo histórico. Erico Verissimo, em *Solo de clarineta*, afirma: “Em *Olhai os lírios do campo* fiz uma das personagens, um arquiteto, construir um arranha-céu de trinta andares – coisa que na realidade a capital do Rio Grande do Sul só veio a ter 25 anos mais tarde” (Verissimo, 2005b, p. 264). Assim, é interessante observar um duplo movimento na segunda parte do romance. Por um lado, aproveita a época em que foi escrito como material para ficção, pois há uma reflexão acerca do nazismo, por exemplo, registrada às vésperas da segunda guerra mundial. Por outro lado, distancia-se do tempo histórico ao projetar uma edificação que parece antecipar um momento futuro da capital.

No último capítulo do romance temos a chegada de um ano novo que coincide com a inauguração do edifício Megatério. Os fogos de artifício do alto do arranha-céu atribuem uma aparência de monstro que cospe fogo colorido, espécie de dragão que representa o capitalismo, tal como o perigo que defronta a estátua de Júlio de Castilhos na praça da cidade. O protagonista acompanha tudo da casa onde Olívia vivia antes e na companhia de sua filha Anamaria. Está agora humanizado e pensa que não deveria haver fome quando o mundo pode produzir muito alimento, que o trabalho pode ser mais bem distribuído e que as pessoas deveriam ter acesso a cuidados médicos. Embora apresente ideias comuns ao socialismo, entende que não deve haver revolução e afirma acreditar “num futuro melhor” (Verissimo, 2005a, p. 268). Ao final do romance, anuncia-se que Filipe Lobo investe na construção de um novo empreendimento e Eugênio resolve levar a filha pequena para passear e dar comida aos marrecos. Contrapõe-se assim a imagem de dois homens que respondem de maneira diversa ao capitalismo.

3 Considerações finais

A observação do tempo histórico no estudo do romance *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, contribui para uma melhor compreensão da obra. Se na primeira parte encontramos uma clara preocupação com os fatos históricos relacionados à transição da Primeira República para o início do governo provisório de Getúlio Vargas, na segunda parte há uma visível alteração nessa perspectiva e a obra se volta para uma reflexão ideológica em relação a seus personagens. Aos poucos, nesse sentido, o personagem Eugênio humaniza-se e se volta aos mais pobres. Na segunda parte, no entanto, há também um distanciamento dos fatores externos e a relação com o tempo histórico se modifica, transformando muito a ficção.

Cabe lembrar aqui, brevemente, as considerações que Antonio Candido faz em seu livro *Literatura e sociedade*. Para ele, obras que apresentam uma relação mais forte com o elemento externo, como o romance *Olhai os lírios do campo*, justificam uma abordagem que contextualize e demonstre como elementos externos se tornam internos, participando efetivamente da economia ficcional. Para o crítico, o elemento externo “importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (Candido, 2000, p. 6, grifo do autor). A abordagem da literatura prevalece sobre a informação histórica. Assim, a revolução no romance de Erico Verissimo, embora seja uma representação da Revolução de 1930, é também outra coisa, pois ela integra e participa dos acontecimentos relacionados aos personagens. Participa, nesse caso, da delicada cirurgia que Eugênio realiza num paciente que tem pouca chance de sobreviver. O barulho do bombardeio que ocorre nas ruas de Porto Alegre se une ao drama psicológico do protagonista diante de um caso difícil que é um divisor de águas em sua carreira

de médico. Em contraste à operação médica sem sucesso e à situação conturbada do país, ele se envolve amorosamente com Olívia e tudo se une e compõe seu universo de ser humano.

Embora o tempo histórico seja incorporado e apareça transformado em narrativa, permitindo ao leitor relacionar a obra a elementos que lhe são exteriores, mesmo presentes na própria ficção, a verossimilhança se estabelece em função da construção literária e, neste caso, o tempo histórico é apenas um de seus elementos. Os fatos históricos passam a compor internamente a narrativa e se unem a um conjunto coeso. O Megatério, correspondendo a um distanciamento dos fatores externos, participa também do mesmo universo, pois a obra se cria como um mundo próprio. Ainda assim, a abordagem dos elementos externos contribui para a compreensão da narrativa. Observe-se por exemplo, como demonstramos, a cena em que Eugênio ignora o seu pai ao caminhar com pessoas ricas na cidade. A observação de que o episódio se dá no contexto da Primeira República altera consideravelmente a percepção da cena.

Ainda assim, o livro apresenta duas partes que se unem e, em certa medida, são divergentes. A relação com o tempo histórico ajuda a perceber essa diferença, pois enquanto na primeira parte os fatos são aproveitados numa relação mais direta, na segunda há maior liberdade em relação aos fatores externos, como apontamos. A estrutura da obra se altera significativamente, pois ela é organizada em dois planos na primeira metade, intercalando tempos diferentes, para seguir em um único plano temporal na segunda parte. Há também, na primeira parte, uma dimensão mais fragmentada em que cenas da vida do protagonista são relatadas separadamente e aparecem justapostas. Assim, na primeira parte, há um grande arco temporal contemplado na narrativa. O contrário ocorre na segunda parte quando um momento mais específico da vida do personagem é alongado e trabalhado exaustivamente, como pode ser observado, por exemplo, nos vários casos relatados como atendimento médico do protagonista. Em relação à psicologia de Eugênio, encontramos um personagem mais ambicioso e menos humano na primeira parte. O contrário ocorre na segunda parte, quando, a partir do divórcio e, especialmente, de sua aproximação com a filha, assistimos a um processo de humanização do protagonista. Por isso, talvez, a narrativa se alonga na segunda parte, buscando construir e afirmar um lado bom do personagem. Há, como dissemos, em toda a obra uma preocupação com os pensamentos de Eugênio que aparecem, em demasia, pelos diálogos e por meio da narração heterodiegética. A investigação da Revolução de 1930 e do tempo histórico contribui, como um elemento importante dentre os vários que constituem o todo ficcional, para a compreensão de *Olhai os lírios do campo* como criação literária importante da literatura brasileira.³

Referências

A GLORIFICAÇÃO – Monumento a Júlio de Castilhos, histórico e descrição. *A Federação*, Porto Alegre, ano XXX, n. 161, p. 1-4, 12 jul. 1913. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/388653/per388653_1913_00161.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

³ Este trabalho foi desenvolvido durante a Residência Pós-doutoral realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, sob supervisão da Profa. Dra. Claudia Campos Soares, e integra uma pesquisa maior intitulada *Imagens da Revolução de 1930 no modernismo brasileiro*.

- AXT, G. O governo Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul (1928-1930) e o setor financeiro regional. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 29, p. 119-139, 2002. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2153>. Acesso em: 10 set. 2023.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Unicamp, 2006.
- CAMARGO, A. A revolução das elites: conflitos regionais e centralização política. In: *A Revolução de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro, setembro de 1980. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 7-46.
- CANDIDO, A. Entrevista com Antonio Candido. In: PESAVENTO, S. J. *et al.* Érico Veríssimo: o romance da história. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 11-22.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARVALHO, J. M. de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, v. 40, n. 2, Rio de Janeiro, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>. Não paginado.
- FAUSTO, B. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- MARINETTI, F. T. Manifesto do Futurismo. In: TELLES, G. M. (org.). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 118-121.
- MEIRELLES, R. *Um retrato da atmosfera urbana de Porto Alegre: as camadas médias urbanas na literatura de Erico Verissimo*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- MILLIET, S. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. 2. ed. São Paulo: Martins/Edusp, 1981. v. II.
- PERLOFF, M. *O movimento futurista*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 2018.
- REUTER, Y. *Introdução à análise do romance*. Tradução de Angela Bergamini. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VARGAS, G. *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. v. I.
- VERISSIMO, E. *Olhai os lírios do campo*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.
- VERISSIMO, E. *Solo de clarineta*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b. v. I.